

**SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**TUPY MYKY**

**MACHADO DE PEDRA DO POVO *MYKY***

**Barra do Bugres  
2016**

**TUPY MYKY**

**MACHADO DE PEDRA DO POVO *MYKY***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M996m MYKY, Tupy.

Machado de pedra do Povo Mýky / Tupy Myky. – Barra do Bugres, 2016.

26 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira.

1. Povo Mýky. 2. Cultura. 3. Identidade. 4. Machado de Pedra. I. Oliveira, C. E. de, Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

**TUPY MYKY**

**MACHADO DE PEDRA DO POVO MYKY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira  
Professor orientador

---

Prof. Me. Luciano Pereira da Silva  
Professor Avaliador

---

Prof. Dr. Raimundo Nonato da Silva  
Professor Avaliador

**Barra do Bugres  
2016**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado saúde, forças para que eu fizesse essa pesquisa e conseguido, pela minha família, em especial, a minha esposa e meus filhos, que com muita paciência me aturaram e, ao mesmo tempo, me deram forças para continuar fazendo o que estava fazendo, nos dias em que fiquei longe deles e de casa. Ao meu pai e minha mãe que sempre tiveram muita preocupação comigo, a comunidade *Myky* que me deu essa oportunidade de realizar essa pesquisa e que me deu o voto de confiança.

Ao meu entrevistado que confiou no meu trabalho e que teve a paciência de me relatar o que sabia sobre o tema que eu estou pesquisando, para que seu conhecimento empírico e a sua sabedoria sobre a cultura *Myky* se transformasse neste trabalho científico.

Agradeço à UNEMAT por me acolher nessa academia e também à FUNAI e a CAPES que proporcionaram condições para que eu pudesse concluir os meus estudos.

## RESUMO

Este trabalho foi realizado em forma de pesquisa e questionário, na aldeia Japuira, terra Indígena *Menku*, município de Brasnorte, em Mato Grosso. O objetivo foi demonstrar o quanto o machado de pedra *Myky* faz parte de todo um patrimônio cultural da humanidade e mostrar aos jovens da etnia *Myky* que o tema da minha pesquisa é sobre importância do machado de pedra para o nosso povo, na sobrevivência com esse instrumento para limpar certa área e deixá-la pronta para se tornar uma roça. O machado de pedra é uma ferramenta importante e se tornou um dos símbolos da cultura material do povo *Myky*. Nessa pesquisa, falo de como era feito, como era usado no dia a dia, e que hoje não usamos mais o machado de pedra, só dos não índios, mas que com esse trabalho podemos valorizar, mesmo que não fazemos e não usamos mais o machado. Este estudo servirá de material didático na escola, para que outros professores e alunos possam pesquisar sobre este tema que estou apresentando. Com este trabalho, aprendi muita coisa, sabia um pouco sobre machado de pedra, mas com essa pesquisa enriqueci mais o meu conhecimento, daqui para frente terei condições de valorizar mais a minha cultura para manter a nossa identidade.

**Palavras-chave:** Povo *Myky*. Cultura. Identidade. Machado de pedra

## RESUMO NA LÍNGUA MYKY

Apa ijã pátipjuopany, aotápjakyjã mokoowy maktapanã manãnjunamapjatiny aotápjakapy. Are mākjuu Irupjata, Brasnortinkjehy ipinepjanãtã, Mato Grossonkjehy, jãi mijamytyy takapunamapi, tamy mijamipjukinã waapjuraky pátiramamy tãranãtã mijamytyy, kewany amjejyi tankjunkjehy. Mokoowy aotápjakapy mopa ta oparanamapjatyni mijamipjuni, jãi mija mytyy takarakai takapsakaarakjenamapinatã. Arey nãnjamanha jeptey takaronepja, aotápjakapy maktapanã mopai tai ipiranamapjatiny, tâkjunkjehy wapasi ai takarakaomjeny aotápjakyjã, kewamajanã. Aotapja mekaonepjuneju mokoowy ny, nãnjamahã manãnjuaranamapi tapai numãku tamjãpai kewakinã vendepjunamapi, arei majanã nãnjamahã takaroopany aotapjakyjã.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Terra Indígena Menku.....	15
Figura 2 –	Wawa njãpy, Corda de tucum que amarra o machado de pedra.....	18
Figura 3 –	Corda de tucum pronta para ser usada.....	18
Figura 4 –	Representação: Machado de Pedra.....	19
Figura 5 –	Representação de dois Machados de Pedra.....	19
Figura 6 –	Wajakuxi com machado de pedra.....	20
Figura 7 –	Aotápja Xiresekje’y.....	20
Figura 8 –	Wawakje’y, Tucum usado na fabricação da corda que amarra o machado de pedra.....	21
Figura 9 –	Wawakatja, Fios de Tucum usado na fabricação da corda que amarra o machado de pedra.....	21
Figura 10 –	Kamã,. cera que é usada para fazer machado.....	22



**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – O POVO MYKY.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II – O MACHADO DE PEDRA .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO III – IMAGENS DE JÉMUU MYKY .....</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>
<b>CONSULTORES NATIVOS.....</b>	<b>25</b>

## MITO DE ORIGEM DO POVO MYKY

Segundo as histórias que os mais velhos contam, antigamente nosso povo e outros povos não conheciam a cosmologia do mundo que conhecemos no dia de hoje, porque todos viviam dentro de uma grande pedra.

Lá não precisava de machado para fazer roça, não tinha doença e todos eram felizes. Um dia, um pássaro chamado urubuzinho, sai da pedra pelo buraco que tinha e fora da pedra ele vê que era tudo lindo, tinha matos, rios, animais e frutas.

Voltando dentro da pedra, ele leva uma flor para mostrar aos que estão dentro. Todos ficam admirados e querem sair para ver esse mundo desconhecido até então, mas como sair da pedra? Aí surgiu a ideia de pedir ajuda aos animais.

O primeiro animal a tentar abrir a pedra foi a cutia, mas quebrou todos os dentes de tanto roer. Depois foi a vez da paca e aconteceu a mesma coisa, quebrou os dentes. Então aparece uma abelha chamada de *makyãxi* (lavadeira) que amoleceu a pedra para o pica pau abrir e, só assim, conseguiram sair.

Depois que todos saíram da pedra, cada povo foi para um canto e os *Myky* ficaram na mata alta que conhecemos como floresta amazônica. Foi aí que tiveram a ideia de se fazer o instrumento para derrubar e limpar o local da aldeia. Começaram a fazer o machado de pedra, porque precisava fazer uma roça e outras atividades para sobreviverem.

A partir de então, se utilizou o machado, mas, logo, vieram as doenças, guerras com parentes inimigos e, com o contato com os não índios, chegou o machado de ferro. Com isso, deixamos de usar o machado de pedra.

**(Tupy Myky)**

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida na aldeia Japuira, Terra Indígena *Menku*, localizada no município de Brasnorte, em Mato Grosso. Na aldeia existe uma Escola Estadual Indígena *Xinui Myky*, com 60 alunos e um Posto de Saúde.

Nossa população é de 133 pessoas, com 30 famílias, as casas das famílias são todas de telha e de madeira e com pisos. Ainda preservamos a cultura, fazemos as roças tradicionais, plantamos alimentos próprios do povo e todos falam a língua materna.

Os objetivos da pesquisa foram mostrar a importância deste objeto cultural e material que é o machado de pedra, utilizado pelos antepassados *Myky*; reavivar os conhecimentos e as técnicas tradicionais de fabricação e uso deste artefato tradicional do povo *Myky*, bem como, preservar a nossa cultura para que nunca se perca e que fique registrado na escola para que a comunidade e jovens das futuras gerações tenham acesso a essa pesquisa.

Escolhi este tema, porque um machado de pedra significa muito, não só como instrumento de uso da cultura *Myky* e para os povos indígenas em geral, mas como patrimônio da humanidade na pré-história.

Logo abaixo, apresento uma pequena citação, em espanhol, sobre o machado feito pelo arqueólogo espanhol Carlos Fernandez Gonzáles:

Se presentan aquí los resultados obtenidos en El trabajo etnoarqueológico llevado a cabo entre los Myky destinado a La documentación de La cadena operativa de las hachas de sílex que utilizó este grupo indígena en El pasado”. Los Myky fueron contactados en 1971 y utilizaban en aquel entonces útiles elaborados en material lítico. En el artículo se describen las características de cada una de las fases de la cadena operativa, desde el aprovisionamiento de la materia prima a la elaboración y utilización del hacha de sílex. Igualmente se presenta el material etnográfico recogido, la evolución histórica de los Myky desde principios del siglo XX hasta la actualidad. Finalmente, se explica la metodología empleada en la documentación desarrollada y se analiza la información de cara a contextualizar culturalmente la investigación. El presente artículo pretende igualmente reclamar la necesidad de documentar cuestiones como las que se exponen, una vez que estamos hablando de un patrimonio humano que en breve desaparecerá. Se propone así una línea de trabajo que se pasa a denominar como de etnoarqueología lítica. En su apoyo se realiza un breve repaso a trabajos que hayan documentado el instrumental lítico entre sociedades que lo hubiesen utilizado en el pasado, fundamentalmente en Brasil pero también de algunas investigaciones desarrolladas en otras partes del planeta. El interés de todos estos estudios para la arqueología prehistórica es muy importante, fundamentalmente por poner de relieve los diferentes problemas que presentan los métodos de clasificación e interpretación basados en criterios actuales (2009).

O machado é muito importante para nosso povo, pois é um objeto que fez com que os nossos antepassados sobrevivessem no passado, mas nós jovens não conhecemos e não valorizamos o que é nosso, assim, precisamos valorizar mais.

Hoje não fazemos mais o machado de pedra, por isso, que temos machado de ferro dos não índios e instrumentos como motosserras, achando que é o melhor. Mas temos que pensar que temos que dar mais importância e valor aos objetos que os nossos avôs usavam, para não perdermos nossa identidade cultural.

Desta forma, ainda tenho como objetivo: buscar os conhecimentos com os mais velhos sobre o machado de pedra; explicar o processo de fabricação desse instrumento e mostrar a matéria prima que se usa para confeccionar o machado de pedra;

Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de uma entrevista com os mais velhos da aldeia Japuira do povo *Myky*, município de Brasnorte-MT, em forma de questionário. Quanto à pesquisa de campo, fui com um ancião até uma grande pedra onde se afiava o machado de pedra. Durante a entrevista com o ancião, eu observava tudo o que ele falava e fui escrevendo no próprio *notebook*. Fiz cinco entrevistas com meus entrevistados Xinuxi e Wajakuxi.

As entrevistas e coletas de dados foram na minha casa ou eu ia até os anciões e marcava horário que eles podiam ir até a minha residência, para falar do tema da minha pesquisa. Escolhi essas pessoas porque são tranquilas, sempre vão a minha casa para conversar ou contar histórias.

A entrevista foi realizada com dois anciões: Mākakoxi, de 45 anos de idade, ele faz artesanatos para vender como: anéis, arco e flecha, machados, cocar. Ele caça e pesca, faz roças e planta os alimentos. Xinuxi tem 58 anos de idade, ele é o mais caçador da aldeia, é um dos que mais conhece sobre a cultura do nosso povo, conta as histórias do passado ou mitos para os alunos na escola. As entrevistas foram realizadas na língua *Myky* e transcritas com versão em português, registradas em papel.

A ideia de pesquisar sobre esse tema surgiu quando fiz o magistério no projeto *Haiyô*<sup>1</sup>, pois eu já vinha observando a importância desse instrumento na cultura do povo *Myky*. Meu interesse tornou-se maior quando um professor não índio foi fazer sua monografia sobre a história do povo *Myky*. Ele também pesquisou sobre o machado de pedra, porém, mais sobre os artefatos da cultura *Myky*.

Neste trabalho, pretendo coletar mais informações sobre esse instrumento de trabalho que foi muito utilizado pelos nossos ancestrais.

---

<sup>1</sup> O projeto *Haiyô* foi oferecido pela Secretaria de Estado de Educação SEDUC, para formação de professores indígenas, para o magistério intercultural. A primeira etapa ocorreu na cidade de Comodoro - MT de lá foi transferido para cidade de Juína - MT, onde terminamos o curso, que teve a duração de cinco anos. As etapas ocorriam durante as férias dos professores, duas vezes por ano.

O machado de pedra já foi muito importante no passado para a sobrevivência do povo, pois era usado para fazer roças e plantar alimentos. Hoje, nós, jovens, estamos desvalorizando o que é nosso, nós jovens só pensamos em valorizar mais a cultura dos não índios, achando que é melhor que a nossa, mas na verdade estamos deixando de fazer e praticar as nossas tradições.

Desejo que a partir de hoje, os jovens conheçam mais sobre a importância do machado de pedra para nossos ancestrais e para a memória de nossa cultura, ao longo do tempo. Este trabalho ficará na escola para que os alunos e outros professores pesquisem sobre o tema para terem mais conhecimento.

Escolhi esse tema, porque é um objeto que faz parte de nossa cultura e porque foi muito importante na sobrevivência do meu povo *Myky*, fazendo suas roças.

Hoje já não fazemos mais esse instrumento, por influência do contato com o não índio, ele foi substituído pelo machado de aço e motosserra dos não índios, por ser mais rápido em derrubar uma árvore. Mas alguns velhos ainda fazem, com outra finalidade, não para usar na derrubada, mas sim para vender, ou guardar.

Depois que nosso povo *Myky* e outras etnias saíram da pedra, é que surgiu a ideia e a necessidade do machado de pedra para derrubar árvore, fazer roça e plantar os alimentos para sobrevivência. Ele foi importante na vida do meu povo, ele é feito de pedra especial para não quebrar. O cabo dele é feito de uma madeira resistente que se chama go *Tapjamamã* (goiabeirinha).

Para fazer o machado, primeiramente, pega a madeira, esquenta no fogo, dobra, coloca uma pedra e cera de mel e amarra com corda de tucum<sup>2</sup>.

Antigamente, levavam-se muitos meses para fazer uma roça com esse instrumento, dava calo nas mãos, não era como hoje que usamos as facilidades dos não índios e as tecnologias modernas que usamos.

---

<sup>2</sup> O tucum é um pé de coqueiro “wawakje’y”, com muitos espinhos e a folha dele é comprida, da folha que tira a fibra para fazer as cordas para amarrar Machado de Pedra, para as redes, corda para arco e flechas e outros artesanatos. As mulheres é que tiram as fibras e fazem as cordas.

## CAPÍTULO I – O POVO MYKY

O nosso povo habita a margem direita do rio Papagaio, a 53 km da cidade de Brasnorte, Mato Grosso. Vivemos numa área demarcada e homologada de 47.094 hectares que abrange áreas de floresta Amazônica e cerrado, sendo uma das poucas áreas remanescentes de transição entre dois biomas. Estamos ainda reivindicando outra parte da Terra tradicional que ficou de fora, como Castanhhal, Tucunzal, Taquaral e outras matérias-primas.

Somos falantes de uma língua isolada, contatados em 1971, quando éramos 23 pessoas, pela então Missão Anchieta. Os responsáveis pelo contato foram: Tapura Irantxe, Tupxi Irantxe, Thomaz de Aquino Lisboa e Adalberto Holanda Pereira. De lá para cá, tivemos um crescimento demográfico com relativa ascensão. Atualmente, 70% da nossa comunidade *Myky* é constituída por jovens e crianças, somos uma população de 133 pessoas<sup>3</sup>.

Hoje ainda mantivemos as nossas práticas de cultivo tradicional de grandes roças, comunitária e familiar, onde produzimos milho, mandioca, batata, cará roxo e branco, amendoim, algodão, cana-de-açúcar e várias espécies de feijão. Também praticamos o extrativismo da castanha, caju do mato, tucum, pequi, bacava, buriti, entre outras frutas silvestres. Caçamos anta, porco queixada, caititu, tatu, paca, quati, jacu, mutum, macuco e ainda pescamos vários tipos de peixes. Os rios que temos na região são: Rio Papagaio, Juruena e córregos Águas Claras, Japuira, Escondido e Noronha.

Antigamente o nosso povo vivia de caça, pesca e coleta de frutos, não tinha doenças, sem ter muita preocupação, vivia em harmonia com práticas culturais e, principalmente, a roça e, nesse caso, o instrumento mais importante era o machado de pedra para fazer uma derrubada de roça.

Hoje muita coisa mudou, não fazemos práticas culturais com frequência, mas ainda praticamos os cultivos das roças, mas não mais com machado de pedra e sim com machado de ferro e motosserra dos não índios, que agora faz parte de nossas ferramentas de trabalho.

Conforme Andrea Jakubasko (2011), *apud* Ferraz (2013), também podemos conhecer os seguintes aspectos do povo *Myky*:

No século XIX, em meio ao crescente processo de ocupação do Centro-Oeste, motivado pela extração comercial de poaia e seringa, passando pelas linhas

---

<sup>3</sup> Dados de fevereiro de 2015 (crianças, jovens e adultos). Na aldeia hoje temos 38 crianças de 0 a 10 anos, temos 54 jovens de 10 a 20 anos e temos 33 adultos de 20 a 55 anos de idade. A nossa população é muito mais de jovens.

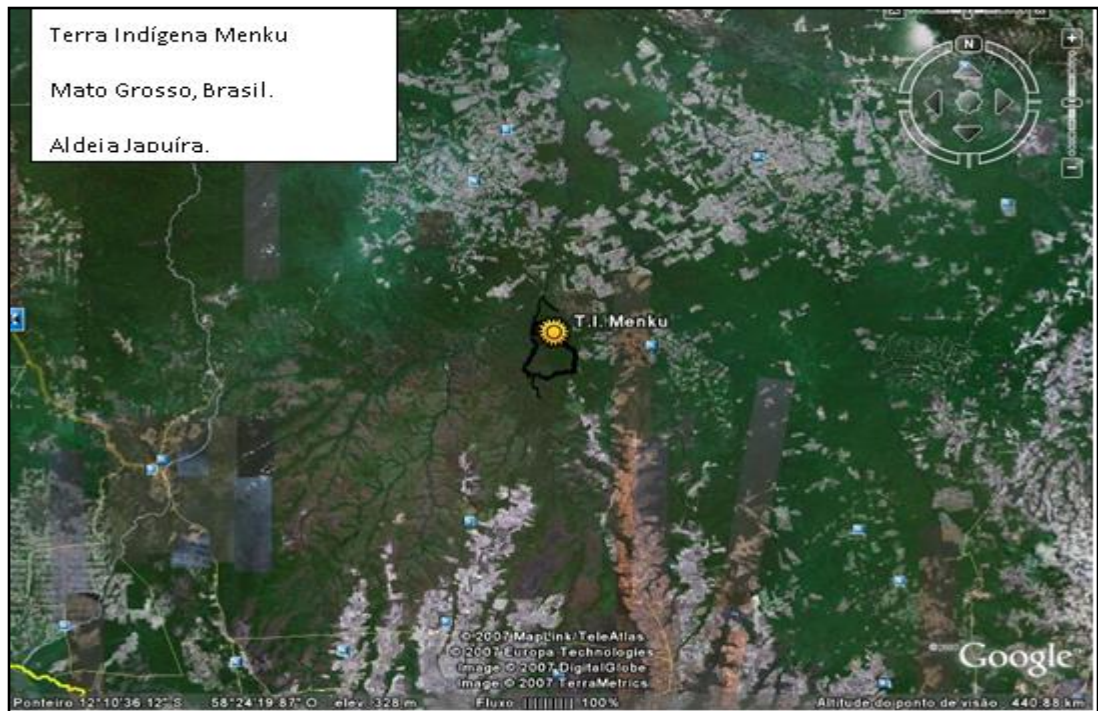
telegráficas e pela Marcha para o Oeste, os povos indígenas sofreram os impactos diretos gerados pelas frentes pioneiras de expansão e, num efeito dominó, a disputa por espaços, terras e recursos naturais deflagrou a intensificação dos conflitos interétnicos. Durante a primeira metade do século XX, os Myky procederam a diversos deslocamentos no interior desse território histórico, em função de massacres por seringueiros, ataques de inimigos [...] e da proximidade dos não índios engajados na abertura de estradas e extração da seringa. Em fins da década de 1950, o povo sofreu agudo processo de depopulação ocasionado pela contração de doenças, chegando à beira da extinção, sobrevivendo apenas nove (9) pessoas. Os Myky sempre resistiram ao contato, e após inúmeras tentativas de aproximação da Missão Anchieta (MIA) durante a década de 60, o encontro com 23 indígenas ocorreu apenas em 1971. Todas as áreas visitadas, filmadas, fotografadas e descritas pelas sucessivas expedições de contato, como aldeias e áreas ocupadas pelos Myky, ficaram fora do traçado da demarcação, inclusive a aldeia onde ocorreu o primeiro contato. Os Myky foram empurrados na direção opostas a seu território histórico, arrancados do ambiente que lhes dá sustentação física, histórica e cultural, localizado em regiões de floresta, em meio a um contexto de aliciamento, repressão e ameaças, no litígio com o Sr. Mauro Tenuta - fazendeiro que avançou sobre as terras indígenas com seus tratores, expulsando os Myky da aldeia que ele destruiu em 1974, em troca de arroz, açúcar, farinha, feijão, foices, machados, facões e roupas. Dada à interdição das áreas de litígio, após um lento processo jurídico-burocrático, o acordo para demarcação ocorreu em 1978, como medida que atendia aos interesses dos não índios. Cabe enfatizar que os trabalhos de demarcação da terra indígena foram custeados pelo Sr. Mauro Tenuta, e que a atuação dos missionários da MIA e da FUNAI pautou-se pela intenção de garantir, em caráter emergencial, as condições mínimas de sobrevivência do grupo, completamente fragilizado, frente ao avanço desenfreado das frentes de expansão no Mato Grosso. Desse modo, a definição dos atuais limites da T.I.Menkü aconteceu ao arrepio da legislação vigente à época, (Decreto 76.999/76 e a Lei no 6.001/73), em um processo pautado pelo vício, dolo e esbulho renitente desconsiderando a totalidade das áreas tradicionalmente ocupadas pelos Myky, uma vez que a demarcação física baseou-se na área definida pelo Auto de Reintegração de Posse (1974), excluindo-se até mesmo as aldeias avistadas pelas expedições de contato, bem como as regiões do Jenipapo, do Castanhal, Tucunzal e nascentes do Rico e Águas Claras, utilizadas intensamente pelos Myky.

De acordo com a Andreia Jakubasko, o povo *Myky* sofreu um grande impacto com a expansão de desmatamento e de seringueiros chegando à região onde hoje é Brasnorte. Toda essa região era habitada pela etnia *Myky*: *Myky* da Mata e os *Myky* do Cerrado que hoje se denominam de *Manoki*, e que antes era um povo só, porém, com a chegada dos não índios e guerras entre os povos inimigos, se separaram.

O território tradicional ocupado pelos *Myky* ficou de fora, por causa da invasão dos não índios e, quando os fazendeiros e seringueiros chegaram à região, os *Myky* foram empurrados para outra terra que não é tradicional do povo.

Hoje o nosso povo reivindica essa área que ficou de fora, onde estão Tucunzal (*Wawakje`y*), Castanhal (*Tjukakje`y*), Taquaral (*kakjepjata*) e Jenipapal (*janãkje`y*) que são recursos naturais que o povo usa para fazer seus instrumentos tradicionais para uso no dia-a-dia.

**Figura 1 – Terra Indígena Menku**



Fonte: Google 2007



## CAPÍTULO II – O MACHADO DE PEDRA

A primeira vez que surgiu a ideia de pesquisar sobre o machado de pedra foi quando participei de um projeto de formação de professores indígenas, no Magistério Intercultural Indígena, do projeto *Hayô* que, na língua dos *Nambikwara*, significa bom, ótimo.

Para fazer a pesquisa, procurei os mais velhos da aldeia, expliquei do que se tratava e se eles podiam me falar um pouco do que sabiam sobre o machado.

Segundo o meu entrevistado, Xinuxi, antigamente não existia machado de pedra, até porque o povo *Myky* e outros povos viviam dentro de uma grande pedra e lá não se fazia roça, não tinha doença, não tinha briga e, por isso, não havia a necessidade do machado.

No entanto, após a saída da pedra, tiveram essa ideia de fazer o machado de pedra e, a partir daí, começou a fazer roça pequena, tirar mel, afiar com a própria pedra para derrubar árvore e fazer as roças, plantar os alimentos, cortar as carnes, fazer as casas para a sobrevivência. Ele foi importante na vida do povo.

O machado é feito de pedra especial para não quebrar, o cabo dele é feito de uma madeira resistente que se chama *Tapjamamã*. (Goiabeirinha).

Antigamente, para fazer uma roça com esse instrumento levava muito tempo, causava calo nas mãos, não era como hoje, que usamos as facilidades dos não índios e as tecnologias que usamos.

Com esse instrumento, não só fazia roça, mas também usava para tirar mel, cortar lenha, cortar caça, corta palha para fazer casa, esteios e ripas.

Para fazer um machado de pedra, primeiramente, vai ao córrego e procura a pedra lascada bem pontuda e resistente. Ao mesmo tempo, procura a madeirinha também resistente. Chegando em casa, põe a madeirinha no fogo para esquentar e dobrar ao meio, isso faz com que ela não quebre.

Depois passa a cera de abelha sobre o fogo e passa na pedra onde vai ser fixada a madeira, amarra com cordas de tucum e está pronta para o uso, a pedra é retirada tanto do córrego como fora do córrego. Não tem época certa para procurar no córrego, é por volta do meio dia que a pedra é coletada, porque de manhã ainda está muito frio na água.

O machado de pedra é feito apenas pelos homens. Antigamente todos os homens confeccionavam o próprio machado que tem tamanhos para cada atividade. O mais pesado e com cabo mais comprido serve para derrubar árvores maiores, sendo que apenas os mais velhos dominam a técnica de elaboração desta ferramenta.

Mas para confeccionar as cordas, são as mulheres que fazem, pois é tarefa delas tirar o tucum e produzir cordas para amarrar os instrumentos da nossa cultura. Com uma pedra se alisava a outra, já a madeira, se alisava ou ajeitava com a pedra mesmo. Procurava-se a cera mais grudenta, conhecida como *tápukjamã* para fazer o machado. A cera usada para fazer a flecha é menos grudenta e para o machado a mais grudenta. Todos os homens podem tirar a cera, desde que saiba fazer este material.

Segundo depoimento dado pelo meu pai Thomaz de Aquino Lisboa, antes do contato em 1970, ele e outros jesuítas fizeram um sobrevoo numa aldeia pequena, possivelmente, do povo *Myky* e lá jogaram os machados de ferro, facão e foices para eles. Alguns acharam, utilizaram e gostaram dos objetos.

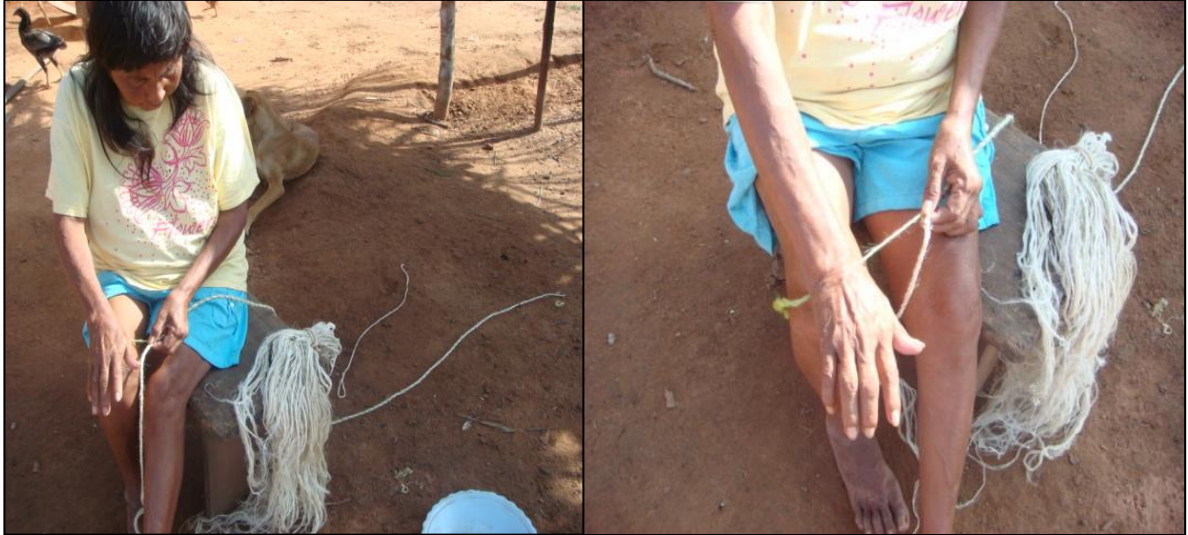
No ano de 1971, foram contatados e eles ainda utilizavam o machado de pedra, mas os jesuítas levaram mais instrumentos dos não índios e, no final de 1971, o machado tradicional deixou de ser utilizado.

Segundo Xinuxi, não existe relação entre o pica-pau (*Tumãï*) e o machado de pedra. Quando os jovens da época dos nossos antepassados saíram da pedra, perguntaram para uma senhorinha sábia (retratada no mito de origem) o que deviam fazer e ela disse a eles para procurarem em volta da pedra, algumas pedras lascadas bem pontudas para fazer o machado, uma árvore com espinhos e folha comprida para tirar fibra e fazer corda, achar madeira resistente para o cabo e procurar as abelhas de mel para tirar a cera.

E foi assim que o povo *Myky* conseguiu sobreviver com este instrumento.

### CAPÍTULO III – IMAGENS DE JÉMUU MYKY

**Figura 2 – Wawa njãpy, Corda de tucum que amarra o machado de pedra**



**Fonte:** Fotografia: Elizabeth. Amarante. Sem data.

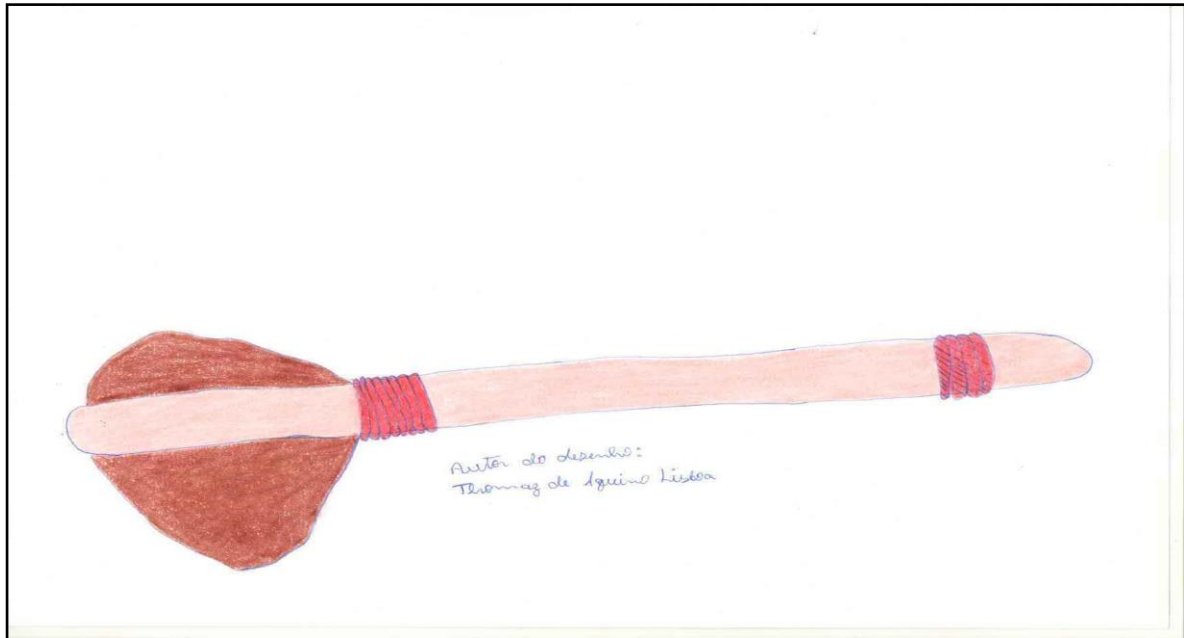
**Figura 3 – Corda de tucum pronta para ser usada**



**Fonte:** Fotografia Tupy Myky– registro em: dez/2014

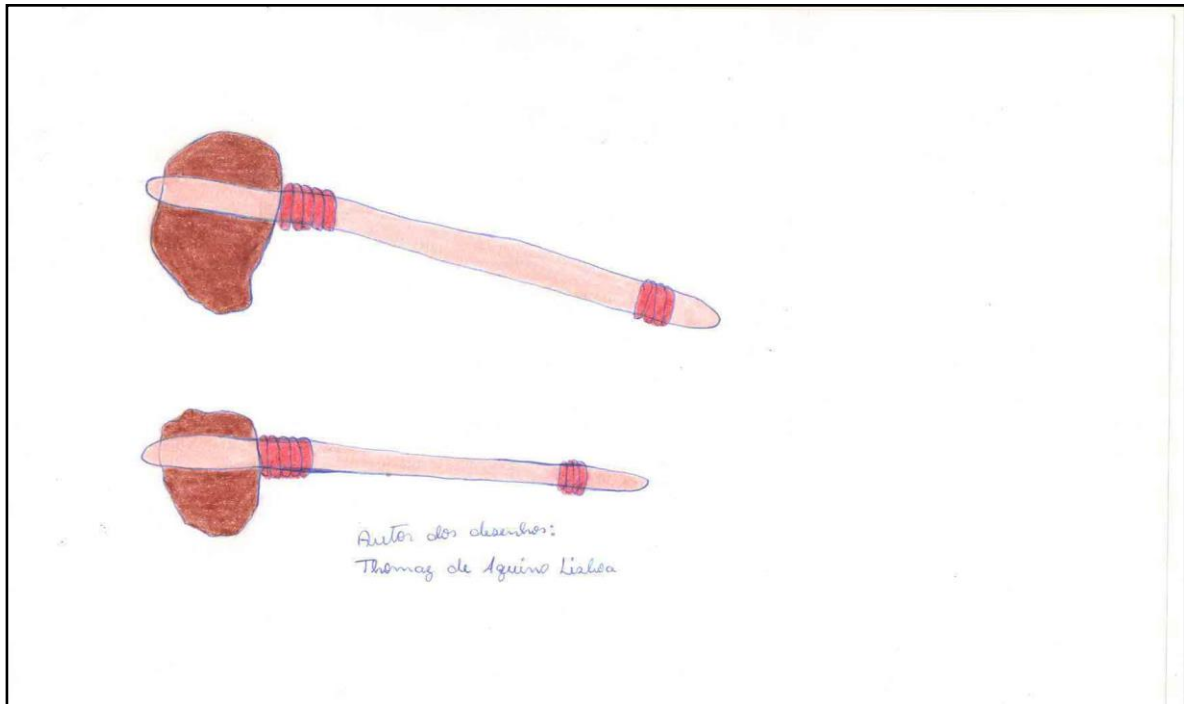
A seguir, duas imagens que representam o machado de pedra do povo Myky.

**Figura 4 – Representação: Machado de Pedra**



**Fonte:** Thomaz de Aquino Lisboa (desenhista)

**Figura 5 – Representação de dois Machados de Pedra**



**Fonte:** Thomaz de Aquino Lisboa (desenhista)

**Figura 6 – Wajakuxi com machado de pedra.**



**Fonte:** Elizabeth Aracy Rondon Amarante. Ano 2002.

Abaixo, uma imagem do local onde os machados de pedra eram amolados e de onde os antigos retiravam as lascas para o Machado (Localização  $12^{\circ}04'57.6''058^{\circ}17'11.3''$  na T.I. Menku)

**Figura 7 – Aotápja Xiresekje'y**



**Fonte:** Tupy Myky, dez/2014

**Figura 8 – Wawakje’y, Tucum usado na fabricação da corda que amarra o machado de pedra**



Fonte: Tupy Myky, dez/2001

**Figura 9 – Wawakatja, Fios de Tucum usado na fabricação da corda que amarra o machado de pedra**



Fonte: Tupy Myky, dez/2014

**Figura 10 – Kamã: cera que é usada para fazer machado**



**Fonte:** Elizabeth Amarante. Sem data.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, encontrei vários pontos principais e importantes para mim como pesquisador e para a comunidade em geral, principalmente, para os jovens da nossa etnia que daqui por diante darão mais valor aos objetos da nossa cultura que é muito mais importante que as ferramentas dos não índios.

Podemos sim usar coisas boas que os não índios têm, mas também existem coisas ruins que podem destruir a nossa cultura, por isso, devemos tomar muito cuidado e preservar a nossa que é milenar.

O resultado desta pesquisa foi muito bom, consegui adquirir conhecimentos que antes eu não tinha sobre o machado de pedra, que foi muito importante para o meu povo *Myky*, porque é com ele que os nossos antepassados e nossos avôs faziam suas roças, plantavam seus alimentos, e fez com que garantissem a sobrevivência do nosso povo.

Quero ressaltar ainda a compreensão das pessoas que entrevistei, pois tiveram paciência e colaboraram muito com a minha pesquisa.

Espero que este trabalho retorne para a nossa comunidade e para escola como material didático, e que sirva de apoio na sala de aula para os alunos, para que os mesmos tenham acesso e conhecimento e que continuem preservando a nossa cultura, para que nunca se perca.

Este estudo também servirá para que outras pessoas da aldeia ou não índios façam pesquisa sobre esse instrumento que foi tão importante e continua sendo importante para nosso povo *Myky*, mesmo que não o façamos mais, mas que conheçamos e tenhamos orgulho de fazer parte desse povo.

Temos que nos atentarmos para registrar as nossas próprias histórias, porque os nossos anciões, um dia, vão nos deixar e se não aproveitarmos enquanto eles estão vivos, quando se forem perderemos todas as histórias do nosso povo.

O risco de extinção da Rocha Matriz de extração das pedras para confecção do machado *Myky* foi analisado no Relatório Circunstanciado para regularização da Terra Indígena *Menku*, onde fica assinalado que “o machado de pedra é confeccionado única exclusivamente através da extração de lascas de pedra retirada de fragmentos lascados de uma rocha de Silexito (S<sub>2</sub>O<sub>2</sub>) com brechados em roda de folhas. Esta rocha matriz ocorre em um único soerguimento geológico localizado (12°04'57.6"058°17'11.3") nas terras de ocupação tradicional. Constitui a matéria prima imprescindível para a preservação da cultura material e simbólica *Myky* que, apesar da incorporação de ferramentas pós-contato, mantém a utilização



do “machado dos antigos” (técnicas de confecção transmitidas de pai para filho) para a concretização das Roças sagradas de *Jetá*.”.

O machado do povo *Myky* está no Museu Rondon na UFMT, em Cuiabá que é um valor arqueológico que está sendo preservado como patrimônio da pré-história da humanidade.

É importante destacar que nos dias de hoje, é muito difícil conseguir manter a cultura e materiais arqueológicos como machado de pedra, porque a tendência das tecnologias dos não índios estão interferindo nas culturas indígenas.

Por fim, fecho minhas considerações, com uma importante citação do arqueólogo espanhol Carlos Fernández González, presente no Sautuola / XV Instituto de Prehistoria y Arqueología “Sautuola” Santander (2009), páginas 463 – 479:

[ ] si entendemos que podemos llegar a conocer el pasado humano a través de los restos materiales, entonces es que aceptamos que existe una relación positiva entre la cultura material y el comportamiento humano. Entre el material que recogió este autor entre los Myky como consecuencia del trabajo de campo etnoarqueológico en torno al instrumental lítico -que aún hoy es posible documentar entre este grupo indígena-se pudo verificar esta cuestión.

El interés de estos trabajos es enorme una vez que la reducción del universo cultural indígena es hoy más sutil pero tal vez más efectiva y rápida al existir una realidad tecnológica, demográfica e ideológica aplastante y difícilmente contestable.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDEZ, Carlos Gonzalez: **Análisis de los trabajos de corte etnoarqueológico desarrollados en Brasil**. Sautuola / XV Instituto de Pré-história y Arqueologia “Sautuola” Santander (2009), 463 - 479

FERNANDEZ, Carlos Gonzalez: **La cadena operativa de las hachas de sílex**.

RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO para **Regularização Fundiária da T.I Menku**

FERRAZ, Luciana. **Caminhando para não parar a história: a resistência do povo Myky no Mato Grosso**. 03 mar. 2013. Disponível em: [http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?Id=128695&id\\_pov=172](http://pib.socioambiental.org/pt/noticias?Id=128695&id_pov=172). Acesso 05 fev. 2015.

RIBEIRO, B. G. **Os estudos de cultura material: propósitos e métodos**. Revista do Museu Paulista 30, São Paulo, 13-42, 1985.

## CONSULTORES NATIVOS

Mãkakoxi Myky

Wajakuxi Myky

Xinuxi Myky